

HELOÍSA ERA O NOSSO CHÃO

Maria de Lourdes Ferreira¹

Conheci Heloísa quando, depois de muitos anos como docente das disciplinas História Geral e do Brasil no ensino público, comecei a trabalhar no Centro de Memória de Diadema, cidade da Grande São Paulo. E por isso fui convidada a participar da Comissão de Avaliação de Documentos do Arquivo Central da cidade. Saía das reuniões desta comissão cheia de dúvidas e indagações. Conversando com um colega do Centro de Memória de São Bernardo do Campo, ele me mostrou uma cópia xerográfica do livro *Arquivos Permanentes: tratamento documental*. Foi assim que conheci Heloísa Bellotto. É claro que fiz uma cópia da cópia. Mais tarde, quis a sorte que em 1999, eu encontrasse

¹ Ou Malu Ferreira (como Heloísa dizia: havia duas outras “Malus” na sua família). Mestre em História Social pela Universidade de São Paulo e Especialista em Organização de Arquivos pelo IEB/ECA da mesma universidade. Professora convidada na FESP-Faculdade de Sociologia e Política e na Escola SENAI Theobaldo de Nigris. Atuou como documentalista e historiadora no Centro de Memória de Diadema (Secretaria de Cultura, PMD), de 1996 a 2022.



um exemplar do precioso livro de capa marrom (a edição era de 1991). Hoje peguei este exemplar na estante, ao lado da segunda edição revista e ampliada, de 2004. E me lembrei de seu lançamento e da observação da professora Heloísa quando trabalhava no texto para a reedição; “Seria mais fácil escrever um novo livro”.

O fato é que a primeira edição deste livro, junto ao Dicionário de Terminologia Arquivística (1996), coordenado pelas professoras Ana Maria de Almeida Camargo e Heloísa Liberalli Bellotto, e que também tive a sorte de adquirir, foram o início de minhas leituras e constantemente consultados nas dúvidas que surgiam.

Na Biblioteca do Museu de Santo André havia alguns exemplares da Revista do Arquivo de Rio Claro, com artigos da professora Heloísa e outros autores da área. Descobri também as Oficinas do Projeto Como Fazer (AAB-SP), no Arquivo do Estado de São Paulo (ainda eram no final da semana) e as arquivistas com quem muito aprendi, Viviane Tessitore, Janice Gonçalves, Ieda Pimenta Bernardes, entre outras. E conheci a professora Ana Maria de Almeida Camargo, que em uma noite fria e chuvosa no auditório do Arquivo do Estado de São Paulo, encaminhou a fundação da ARQ-SP, Associação de Arquivistas de São Paulo.

Foi minha trajetória até chegar ao Curso de Especialização em Organização de Arquivos, promovido pelo IEB-Instituto de Estudos Brasileiros e a ECA-Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. No curso conheci pessoalmente a professora Heloísa, nas aulas de Tipologia Documental. Foi em um Seminário sobre Arquivos Pessoais para nossa turma, já no final do curso, que a professora Heloísa, muito sábia, percebeu a preocupação de muitos alunos que, terminado o curso, voltariam para suas cidades e estados. Disse ela: “A Francisca vai voltar para seu Arquivo em Rio Branco, no Acre, e está preocupada, pensando se conseguirá colocar em prática o que aprendeu, se conseguirá fazer o que esperam dela. Então, Francisca, pense que se você em alguma oportunidade não souber o que fazer, você saberá o que não fazer. E isto é uma grande coisa!”

Muitas vezes repeti esta máxima para meus alunos. Assim como muitas outras...

Terminado o curso do IEB participei, como ouvinte, do primeiro Seminário. Documentos e Documentos, com a professora Ana Maria de Almeida Camargo.



Incentivada por ela, eu me inscrevi no mestrado e fui aceita pela professora Heloísa. Suas condições: ela trabalhava no Projeto Resgate e ficava alguns períodos do ano em Portugal, a orientação nesse tempo seria à distância. E os encontros para orientação não seriam na Universidade de São Paulo, e sim em seu apartamento, na Alameda Itu. Tenho muitas lembranças dele, de seus móveis, muitos herdados de seus pais, de suas louças, das muitas estantes repletas de livros. Das conversas com a Heloísa neste lugar. Muito generosa, eu saía dos encontros de orientação com uma sacola de livros que devia ler para meu trabalho. Sempre fiz uma lista em duas vias, para quando fosse devolvê-los, e deixava uma com ela. Descobri depois que não as guardava. Quando precisava de um de seus livros e não encontrava, mandava um e-mail para todos os orientandos, perguntando com quem estava.

No mestrado, voltei a ter aulas de Tipologia Documental com a professora Heloísa, junto com Ana Célia Rodrigues, Renato Tarciso Barbosa de Souza, uma turma muito boa, os seminários eram ótimos. Foi um privilégio! No dia da avaliação final a Heloísa levou um bolo que tinha feito para os alunos.

Ela adorava cozinhar e como cozinava bem! Reunia os orientandos, de tempos em tempos, para falar sobre o andamento dos seus trabalhos em um delicioso almoço feito por ela.

Tinha uma invejável capacidade de trabalho, lia muito, escrevia muito, por isso nos deixou uma grande herança com seus escritos: artigos para revistas e boletins, conferências em eventos, entrevistas que concedeu. Graças à Editora da UFMG, foram na totalidade ou na maior parte, publicados em 2014, com o título, Arquivo: estudos e reflexões.

Ao lado de outros trabalhos, realizou nos últimos anos a revisão técnica de Correntes Atuais do Pensamento Arquivístico (2016) e Arquivos Pessoais: um novo campo profissional. Leituras, reflexões e reconsiderações (em 2017). Estas duas publicações também editadas pela Editora da UFMG.

Penso que sua vivacidade, sua mente brilhante, sempre viverão na memória dos que a conheceram. Heloísa amava viajar, conhecer novos lugares, contou-me dos sites de mochileiros onde pesquisava antes de viajar.

Conversávamos muito sobre literatura e cinema. Acho que por uma questão geracional “trocávamos muitas figurinhas”. Disse-me há algum tempo atrás que estava pensando em reler *O tempo e o vento*, de Érico Veríssimo. Todos os volumes. No ano passado, quando morreu Jean Luc Godard conversamos muito tempo sobre seus filmes e os de outros diretores franceses. Com a pandemia passamos a conversar pelo celular, pelo WhatsApp como ela preferia.

IMAGEM 1 - Malu Ferreira e Heloísa Bellotto.



Outras lembranças vívidas da Heloísa são os Congressos de Arquivologia, sua participação nos Congressos no Brasil e nos do Mercosul. Lembro do VI Congresso de Arquivologia do Mercosul em Campos do Jordão, 2005. Lembro de seu entusiasmo por aquele Congresso, com a participação das grandes mestras que vieram da Espanha. Lembro da Heloísa na abertura do Congresso. Se não me engano o logo do Congresso também foi sua ideia; E aqui tenho que mencionar mais uma vez sua generosidade: como demorei a conseguir dispensa de meu trabalho, quando fui me inscrever já não havia lugar no Hotel Leão da Montanha, onde ele se realizaria. Nem nas proximidades. Heloísa decidiu: “tenho um apartamento no hotel, você fica comigo e com a Ana Célia Rodrigues”. Quando terminou o Congresso ainda ficamos na noite após o encerramento, comendo uma pizza na sacada do quarto, avaliando e comentando.



No último Congresso de Arquivologia do Mercosul, em Montevideu (2019), a professora Heloísa foi uma das homenageadas na sessão de abertura. Lembro do auditório, todos em pé, aplaudindo longamente quando anunciaram a homenagem. E quando saímos, as muitas pessoas de vários lugares, que pediam para tirar uma foto com ela.

No dia primeiro de janeiro deste ano, Heloísa me escreveu desejando felicidades e perguntando se eu tinha recebido da ARQ-SP o cartaz do XIV CAM-Congresso de Arquivologia do Mercosul, em novembro próximo no Paraguai. Queria saber se eu iria e propunha fazermos um trabalho que eu apresentaria, avaliava que não teria condições físicas para ir este ano. Respondi que seria uma honra e ficamos de nos encontrar em fevereiro. Depois ela transferiu para março: seu neto, se transferindo para São Paulo, estava com o filho em seu apartamento.

Estava ansiosa pelo tema do Congresso, e quando ele saiu, ficou feliz porque poderia encaixar sua proposta nele, no Eixo Ensino da Arquivologia. Heloísa escreveu: "Congressos são feitos para apresentar coisas novas, não é?"

A última vez que nos falamos foi no dia 23 de fevereiro, quando a cumprimentei pelo aniversário. Estava muito alegre com a comemoração em companhia dos filhos e netos.

No dia 28 de fevereiro recebi uma mensagem de sua filha pelo seu celular; Heloísa pediu para me avisar que estava hospitalizada e quando voltasse para casa entraria em contato. Mas ela se foi, perdemos Heloísa.

Comecei dizendo que Heloísa era nosso chão. Vou terminar assim também. Ela nos iluminava com seu conhecimento em todas as áreas da Arquivologia, sua experiência na pesquisa e no trato com os documentos, seu discernimento rápido, sua "mente brilhante", e sobretudo, sua generosidade.

Era também uma mestra na arte de "*savoir-vivre*". Inesquecível.

São Bernardo do Campo, 31 de maio de 2023.



LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **OFFICINA: Revista da Associação de Arquivistas de São Paulo** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International.

